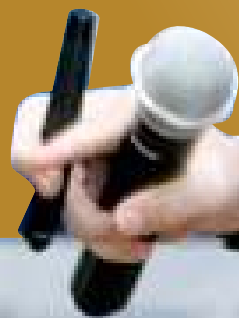


AXIS VERTENTES

Ano VII · Edição VIII
JUNHO / 2022

O futuro da educação: METAVERSO?



Especial:
EDUCAÇÃO

*Centros de Serviços Compartilhados:
Principais Desafios e Requisitos
no Processo de Implantação*

*O futuro da educação:
Metaverso?*

*A Sinodalidade nos espaços
e Obras Eclesiásticas*

Editorial

Tempos cambiantes pedem novas ideias, soluções, propostas, alternativas. Mudanças que ressignifiquem práticas e conceitos que, em tempos passados, responderam aos pedidos do tempo mas que, hoje, precisam ser revisados, aperfeiçoados, abandonados ou reconstruídos. Renascimento.

O Papa Francisco tem buscado trazer um novo olhar para a Igreja, introduzindo mudanças e exortando religiosos, clero e fiéis a caminharem mais juntos. Os artigos de abertura deste número da Vertentes abordam dois desses temas: a Constituição Apostólica Praedicate Evangelium, sobre a Cúria Romana; e a sinodalidade nos espaços e obras eclesiais. E, numa dimensão mais gerencial da mudança, o artigo sobre centro de serviços compartilhados, que logo se segue, apresenta e discute alguns dos principais desafios e requisitos no processo de sua implantação.

Também a Educação será chamada a mudar. Com a sociedade caminhando mais rapidamente do que as pesadas estruturas do ensino formal, uma ruptura na forma de se fazer educação básica talvez esteja se aproximando. Para discutir alguns temas caros à educação, este número da Vertentes traz alguns artigos, agrupados num “caderno”, abordando, a partir de diferentes perspectivas, possíveis encaminhamentos para a gestão educacional. Para mudanças disruptivas, há um artigo sobre o metaverso; para destacar a

atenção aos docentes, trazemos um artigo sobre formação de professores, ressaltando a sua importância; a coerência entre o discurso e a prática é abordada num delicado artigo, que vem logo a seguir; esse “caderno educacional” é concluído e coroado com um artigo reflexivo e estimulador sobre a reforma do ensino médio.

E, mantendo o fio condutor deste número – mudança – os artigos de fechamento discorrem, o penúltimo, sobre a reorganização institucional como forma de fortalecimento da missão; e, o último, em tom poético e, quiçá, nostálgico, sobre o artista e intelectual italiano Pier Paolo Pasolini, cujo centenário de nascimento se celebra em 2022.

Com este número da Vertentes, que completa 4 anos, queremos crer que estamos cumprindo com a missão do Axis e de suas coligadas de “contribuir para o desenvolvimento da gestão das instituições atendidas, com ética e competências específicas.”

**Desejamos a você, leitor/leitora,
uma boa e estimulante leitura.**



Sumário

06



A constituição apostólica *Praedicate Evangelium* sobre a Cúria Romana
Por Márcio Moreira, Me

10



A Sinodalidade nos Espaços
e Obras Eclesiásticas
Por Adilson Souza, Msc

16



Centros de Serviços Compartilhados: principais
desafios e requisitos no processo de implantação
Por Shirlei da C. D. Silva, Me

28



O futuro da Educação:
Metaverso?

Por Sebastião V. Castro, Dr

34



Formação continuada de professores

Por Ir. Terezinha Santana, Me, Cj

48



Importância da coerência entre
nossa fala e nossa prática de vida

Por João Bosco de Carvalho

54



Os desafios da reforma do Ensino
Médio em 2022: uma visão crítica

Por Pedro Henrique da Silva Melgaço, Dr

62



A reorganização institucional como
forma de fortalecimento da Missão

Por Márcio Moreira, Me

72



Centenário do Nascimento de PIER PAOLO
PASOLINI - lembranças soltas no ar

Por Orietta Borgia, Dra

Expediente

DIRETORIA

Árison Silva, Márcio Moreira, Sebastião Castro, Renato Batitucci

SUPERINTENDÊNCIA

Adilson Souza

MARKETING E COMUNICAÇÃO

Karina Albergaria

CONSELHO EDITORIAL

Sebastião Castro, Árison Silva, Márcio Moreira, Renato Batitucci,
Adilson Souza, Karina Albergaria

REVISÃO ORTOGRÁFICA:

Sebastião V. Castro, Dr., Karina Albergaria

PROJETO GRÁFICO

Equipe de Comunicação Axis (Marcos Antonio Ramiro)

FOTO DE CAPA: Montagem sobre imagens de
Gerd Altmann e Kalhh por Pixabay

FOTOS: Arquivo Axis Instituto, Pixabay e Unsplash

TIRAGEM: Edição exclusivamente *online*

PARA ANUNCIAR

comunicacao@axisinstituto.com.br | (31) 3284-6480

Siga-nos nas redes sociais:



@axisinstituto



AxisInstituto



grupoaxisinstituto

**As opiniões expressas nos artigos não são,
necessariamente, as opiniões do Axis Instituto.*



OS DESAFIOS DA REFORMA DO ENSINO MÉDIO EM 2022: uma visão crítica

Por Pedro Henrique da Silva Melgaço Ramos, Dr¹

1 - Graduado e bacharel em Geografia pela PUC-MG; Graduado em Pedagogia pela UFMG; Mestre em Currículo pela PUC-MG e Doutor em Políticas Educacionais pela PUC-Minas.

Introdução

Desafio! Esta é a palavra de ordem para a nova reforma do ensino médio, que entrou em vigor em 2022. As escolas desse nível de ensino tiveram 4 anos para discutir, planejar e implementar essa nova reforma. Infelizmente, devido à nossa cultura de deixar tudo para a última hora e devido à pandemia nos últimos dois anos, é possível que muitas instituições tenham definido seus modelos apenas no último momento. Uma pena realmente, pois, para que uma reforma educacional obtenha sucesso e se transforme em uma base para 10, 20 anos de uma política educacional, seria necessário que as instituições tivessem discutido em profundidade o espírito da reforma a partir dos desafios do ensino médio no Brasil. Porém, sabemos que os custos de reuniões são elevados. Às vezes, não dispomos de uma equipe capaz de fazer discussões produtivas e capaz de propor as ideias apropriadas. Em algumas vezes, são as mantenedoras que definem suas políticas educacionais sem, contudo, ouvir suas mantidas. Além desses desafios de ordem prática, faremos uma provocação que o tema permite: quantos alunos foram ouvidos pelas escolas para a elaboração do novo ensino médio? Quantos alunos contribuíram para a elaboração do Projeto de Vida ofertado pelas escolas? Os alunos poderão realmente escolher os itinerários formativos ou fizemos apenas uma maquiagem curricular?

Qual margem de escolha conseguimos garantir aos jovens neste novo desenho curricular? Ora, como é possível propor uma mudança curricular para um segmento sem, ao menos, ouvir e entender os anseios e desejos desses jovens que viverão, na prática, todas essas mudanças?

Uma parte do que pretendemos, neste artigo, é demonstrar a importância de termos uma postura mais crítica e exigente diante de uma reforma tão necessária e aguardada. Além disso, chamo a atenção do leitor para a importância de criarmos mais canais de diálogo com a atual juventude. Os jovens de hoje são bem diferentes das nossas gerações. Isso implica afirmar que, se já existia um desafio para implementar uma reforma, talvez a tarefa mais complexa seja, exatamente, propor uma reforma com a “cara” e as demandas dos jovens. Além disso, essa reforma precisa estar alinhada às necessidades específicas do século XXI. Portanto, também pretendemos, neste artigo, elencar os principais desafios da reforma do ensino médio de modo que gestores, professores, alunos e famílias, possam fazer uma reflexão aprofundada acerca dos desafios que já existiam para esse nível de ensino e que, agora, ficaram mais complexos, uma vez que foi inserido um novo elemento e que se traduz na reforma que entrou em vigor no início de 2022.

Desafios da reforma do ensino médio

A Lei 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, foi assinado pelo então Presidente da República, Michel Temer, e pelo Ministro da Educação, José Mendonça Bezerra Filho, e definiu uma série de mudanças para as escolas de ensino médio do Brasil. Conforme determina a Lei, o ano de 2022 foi estabelecido como o limite para o início da implantação dessa reforma. A seguir, abordaremos criticamente os principais desafios da reforma, a partir da Exposição de Motivos da Medida Provisória nº746 de 2016² e que foi convertida na Lei 13.415 de 2017 e que estabeleceu a atual reforma do ensino médio:

1. O Legislador concentrou sua atenção na reorganização dos currículos e na ampliação da jornada escolar.³ Entretanto, se as instituições educacionais optaram apenas por uma reorganização dos conteúdos curriculares, aumentando ou mantendo a jornada escolar como já estava, é possível que essas instituições não consigam oferecer aos jovens essa tão aguardada reforma. Na realidade, a reforma pretende muito mais do que rearranjos curriculares e uma carga horária elevada. Até porque, reorganização do currículo e aumento de carga horária não asseguram a excelência educacional e nem dialogam com as demandas do mundo atual. Assim, a reforma exige não uma mudança superficial mas, sim, uma reforma no campo das ideias dos profissionais da educação, dos alunos e das famílias. Portanto, esta é uma reforma eminentemente interna. Aqui, um grande desafio: será preciso vencer as forças do comodismo e aquelas inseridas no campo das disputas curriculares. A implantação de uma reforma envolve, necessariamente, uma mudança. Se isso não ocorrer por que uma reforma? Por outro lado, será preciso superar as disputas por espaço nos currículos e que, muitas vezes, ocorrem de forma agressiva. A reforma cumprirá seus objetivos se as instituições idealizaram e gestaram modelos de ensino médio que sejam mais efetivos e úteis aos milhares de jovens espalhados pelo Brasil e, principalmente, que tenham pensado em um ensino médio capaz de fazer frente aos desafios da nação nas próximas décadas.

Quatro anos representa um tempo suficiente para propor, criticar e amadurecer qualquer proposta de reforma dentro de uma instituição. Portanto, as escolas de ensino médio tiveram tempo. Entretanto, se não aproveitaram o tempo para gestar essa reforma, é muito provável que elas tenham dificuldades logo no primeiro ano de sua implantação. E poderão ter certeza de que os problemas só aumentarão.

2. As instituições de ensino médio⁴ cumprem os objetivos do Art. 35 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, isto é, consolidar e aprofundar os conhecimentos adquiridos no ensino fundamental; formar indivíduos autônomos, capazes de intervir e transformar a realidade; prover a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; propiciar o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico; promover a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina. Portanto, a reforma do ensino médio precisa não apenas garantir o cumprimento de todos esses objetivos acima, como também, precisa enfrentar outros desafios como, por exemplo, promover uma

2 - Fonte: Exposição de Motivos da MP 746: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Exm/Exm-MP-746-16.pdf. Acessado em 08 de janeiro de 2022, às 9h.

3 - Até 1.400h anuais. Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm. Acessado em 02 de fevereiro de 2022, às 9h.

4 - Uma provocação saudável: nossas escolas estão cumprindo com efetividades e excelência todos os objetivos do Art. 35 da LDB? Lembro que eles são de 1996. Portanto, são 26 anos!

EDUCACIONAL

profunda reflexão, por parte de gestores, professores, alunos e famílias, em relação aos resultados que o ensino médio produziu nos últimos anos. É claro que o resultado no ENEM (“Exame Nacional do Ensino Médio”) é importante. Também é notória a importância das aprovações nos diversos cursos e vestibulares, para uma enormidade de instituições. Mas a reforma pretende dar um passo à frente. Ora, se daqui a três anos o ENEM será diferente, por que permanecer com a mesma filosofia e práticas de ensino? Outro desafio importante é inserir o estudante no centro do processo pedagógico e não mais o professor ou os conteúdos escolares. E é o próprio legislador que reconhece esse descompasso e fracasso entre o que a LDB aponta sobre a formação dos jovens e o resultado objetivo que as escolas têm alcançado. E ainda um outro desafio é garantir que essa reforma no papel seja também uma reforma na prática das escolas e na realidade dos jovens, uma vez que essas mudanças são imprescindíveis para o país, para a própria juventude e para as instituições de ensino na atualidade.

3. Desde as Diretrizes Curriculares do Ensino Médio, de 1998, e que foram alteradas em 2012, já era permitida a diversificação de 20% dos currículos. Entretanto, a própria legislação vigente obrigava o aluno a cursar treze disciplinas obrigatórias. Uma quantidade enorme. Como propiciar essa diversificação do currículo sem sobrecarregar ainda mais a jornada diária escolar dos estudantes? Lembrem-se que: mais tempo escolar não significa, necessariamente, garantir excelência acadêmica. A reforma atual trabalha exatamente nesse contexto: aumento da jornada (para a maioria das escolas) e diversificação curricular. É verdade que muitas instituições já cumpriam o tempo exigido pela reforma, mas distribuía os tempos escolares para as disciplinas clássicas do currículo brasileiro. Naturalmente, aquelas que gozavam de maior prestígio sempre tiveram um tempo maior nos currículos. As escolas de ensino médio estarão prontas para oferecer um ensino médio realmente reformado se as instituições criarem as diferentes possibilidades de itinerários formativos visando a excelência educacional,



Contabilidade

Especialista em
Entidades Concessionárias e Terceiro Setor

- **Pontualidade e precisão** nos prazos
- Atuação **preventiva** e pró-ativa
- **Presença** junto ao cliente
- **Expertise** no segmento religioso e filantrópico



Contábil



Fiscal



SPED



Trabalhista e Previdenciária



Prestação de contas aos Órgãos Públicos



se garantiram o aprofundamento dos conteúdos a partir de cada itinerário, se os jovens poderão optar por um ou mais itinerários, se as disciplinas inseridas nos itinerários aproximam realmente o jovem da universidade e do mundo do trabalho, se o seu projeto de vida está realmente condizente com o itinerário escolhido. Agora, se a questão dos custos foi a referência para a construção dos itinerários formativos e para o redimensionamento do tempo escolar, pode ser que essas escolas estejam fazendo apenas o mesmo do que já faziam anteriormente. Perderam uma oportunidade incrível! Como num primeiro momento o sentimento é de novidade, num segundo momento, a tendência às comparações é certa. Portanto, pode ser que esses arranjos escusos sejam objeto de crítica de alunos e famílias. Aqui se encontra um risco real para aquelas instituições que não souberam equalizar, de uma forma criativa e inteligente, custo versus qualidade/sucesso dos alunos.

4. Se as instituições de ensino não se preocuparam em oferecer aos seus públicos a verdadeira reforma, isso significa que elas continuarão oferecendo um currículo extenso, superficial, fragmentado e sem sentido. E, pior, esse modelo de ensino médio continuará a não dialogar com a juventude, nem com o setor produtivo, muito menos, com as demandas do século XXI⁵. Sendo assim, é provável que algumas instituições tenham optado pelo caminho mais fácil e mais curto. De qualquer modo, para se cumprir com efetividade as propostas da

reforma e diante dos desafios do ensino médio, seria necessário que as instituições, a partir de suas realidades, tivessem conseguido criar um ambiente de diálogo e reflexão acerca do melhor modelo de currículo para o seu público. Isso apenas seria possível se os professores realmente se dedicaram e contribuíram para a definição dos itinerários formativos, se os alunos participaram com efetividade da elaboração do novo modelo e se a instituição produziu ou adquiriu no mercado material subsidiário para o Projeto de Vida. Lembramos que a instituição pode ter produzido ou adquirido o melhor material, mas se não escolher com sabedoria o profissional que conduzirá essa atividade, é possível que o projeto de vida, um dos itens mais importantes e interessantes da reforma, ocorra de uma forma superficial e desconectada da realidade dos jovens. Portanto, este profissional deve ser alguém que tenha uma excelente relação com os jovens, que conheça e tenha o interesse de conhecer a realidade, os gostos, os comportamentos da juventude, e, acima de tudo, que tenha experiência e vivência da vida, visão crítica do mercado de trabalho e do mundo universitário, para abordar e refletir as questões práticas e objetivas dos inúmeros temas que perpassam pela vida dos jovens, universidade, mundo do trabalho, desafios atuais do mercado de trabalho, profissões do futuro, qualidade de vida, etc. Enfim, essas são apenas algumas reflexões sobre o potencial que o Projeto de Vida possui e sobre o qual as instituições de ensino deveriam ter se debruçado com muito cuidado.

5 - Fonte: Exposição de Motivos da MP 746: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Exm/Exm-MP-746-16.pdf. Acessado em 08 de janeiro de 2022, às 9h.

5. Um dos maiores desafios da reforma é aquele de propiciar uma melhoria da qualidade educacional. Dados publicados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP (presentes no texto da MP) demonstraram que 41% dos jovens de 15 a 19 anos, matriculados no ensino médio, apresentaram péssimos resultados educacionais. Portanto, a reforma precisa reverter esses baixos resultados para garantir qualidade educacional, na prática, de milhares de jovens. É verdade que esse quadro está muito presente no setor público, mas o setor privado tem também os seus desafios específicos. O desafio é: como garantir resultados de excelência se as instituições de ensino médio quase sempre estão ocupadas apenas com a questão do acesso ao ensino superior? Como afirmamos anteriormente, este é um dado significativo. O problema é que muitas instituições focam apenas neste quesito em detrimento de outros fatores altamente importantes. Muitas pessoas fazem uma avaliação muito superficial de uma instituição ao avaliar somente a nota do Enem dissociada de outros fatores realmente significativos. O problema é que essas instituições criaram essa armadilha para si mesmas e, agora, torna-se quase impossível se desvencilhar dessa realidade. A sorte é que a reforma aponta para mudanças no currículo (criação dos itinerários formativos) e, principalmente, altera o sistema avaliativo do fim do ciclo da educação básica. Portanto, as escolas poderão reajustar algumas práticas, ampliar sua visão a partir dessa reforma e poderão focar na qualidade educacional.

6. O ponto a seguir, talvez seja um dos mais preocupantes: é esperado que entre 2003 e 2022 a população jovem brasileira atinja seu ápice, alcançando cerca de 50 milhões de habitantes⁶. A partir de 2022, prevê-se uma queda projetada de 12,5 milhões de jovens. O problema reside no fato de que, no futuro, teremos uma PEA - “População Economicamente Ativa”, menor. Se, além de menor, ela for também desqualificada, significa que, no futuro, os indivíduos não conseguirão produzir riqueza suficiente para manter em equilíbrio as contas da previdência social. Já sabemos que os indivíduos ativos contribuem, atualmente, para os aposentados e qual será o papel desses jovens? E quem pagará os aposentados daqui a 10/20 anos? Portanto, essa reforma precisa garantir qualidade suficiente para que o aluno deste nível de ensino na atualidade alcance posição e salário capazes de garantir um equilíbrio sustentável. Por fim, uma PEA menor e desqualificada pode comprometer drasticamente o desenvolvimento econômico do país. Portanto, houve um tempo (e ainda é) em que a preocupação maior era o acesso e garantia de permanência do aluno na escola. Agora, o desafio é muito mais complexo: acesso, permanência e qualidade. Portanto, gestores, professores, alunos e famílias precisam compreender o que está em jogo, de modo que cada um possa fazer a sua parte nessa reforma tão esperada e tão necessária.

6 - Fonte: Exposição de Motivos da MP 746: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Exm/Exm-MP-746-16.pdf. Acessado em 08 de janeiro de 2022, às 9h.



Photo by DISRUPTIVO on Unsplash

7. Outra preocupação atual envolve aqueles jovens conhecidos como NEMNEM - “Nem trabalham e nem estudam”. Já em 2011, cerca de 13,6 da população de jovens de 15 a 24 anos não estudavam e não trabalhavam. Em 2016 esse percentual estava em torno de 20%. Sendo assim, a parcela de jovens fora do mercado de trabalho e da escola deveria se reduzir com a conclusão da vida escolar “ensino médio” e a transição para o mercado de trabalho; no entanto, o reverso tem ocorrido⁷. Ora, esse fenômeno precisa ser compreendido de forma plena de modo que possamos identificar formas de intervenção para solucionar esse problema delicado. É preciso compreender porque tantos jovens abandonaram os estudos e não querem ou não se interessam por ingressar no mercado de trabalho. O problema não é apenas da família do jovem. É também um problema sobre o qual a escola precisa se questionar se pode contribuir de alguma forma. É também um problema de Estado, uma vez que essa situação nada contribui para o país. Ou melhor, esses jovens serão um peso complicado caso eles não retornem para a escola ou para o mercado de trabalho.

8. Outro dado que é muito preocupante se refere à pequena parcela de jovens que acessam a educação superior (16,5%) e cursam a educação profissional (8%). Isso significa que cerca de 75% da juventude torna-se invisível para os sistemas educacionais brasileiros. Isso traz diferentes problemas: acesso, permanência, garantir a qualidade e possibilitar a continuidade de estudos. A reforma pretende atuar exatamente nesses quesitos. O problema aqui a saber é se as instituições de ensino estruturaram seu novo ensino médio para resolver essas questões e não outras⁸.

7 - Fonte: Exposição de Motivos da MP 746: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Exm/Exm-MP-746-16.pdf. Acessado em 08 de janeiro de 2022, às 9h.

8 - Fonte: Exposição de Motivos da MP 746: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Exm/Exm-MP-746-16.pdf. Acessado em 08 de janeiro de 2022, às 9h.

Considerações finais

Como o leitor teve a oportunidade de perceber, os desafios do ensino médio, associados à nova reforma, são complexos e de graves consequências para o país. Caso as instituições não consigam reverter esse cenário, a hipótese mais provável é que esses jovens, em um futuro bem próximo, não consigam acessar o ensino profissional e muito menos o ensino superior. E a consequência lógica é que uma parcela considerável dos jovens de hoje tenha graves dificuldades para alcançar uma inserção no mercado de trabalho de forma qualitativa. Sem contar que, muitos deles, ocuparão espaços no mercado de trabalho em que não seja exigido nenhum tipo de escolaridade. O resultado é que eles terão inúmeras dificuldades para produzir riqueza e contribuir para o desenvolvimento da nação. Portanto, a hora é agora para fazermos dessa reforma um trampolim de oportunidades para os jovens que estão nas nossas escolas. Com seriedade, responsabilidade e compromisso social, é possível revertermos o cenário desolador que existiu até a atualidade. O desafio é grande, mas temos a certeza de que milhares de instituições farão o seu melhor neste contexto que apresenta, igualmente, inúmeras oportunidades.



Pedro Henrique da Silva Melgaço Ramos, Dr

Graduado e bacharel em Geografia pela PUC-MG; Graduado em Pedagogia pela UFMG; Mestre em Currículo pela PUC-MG e Doutor em Políticas Educacionais pela PUC-Minas.